

O BERÇO DE UMA IDÉIA: A FORMAÇÃO E CONFIGURAÇÃO DO SINDICATO DOS JOGADORES DE FUTEBOL DO RIO DE JANEIRO (1971-1982).

Palavras-chave: sindicato; jogadores; futebol; campo esportivo.

O sindicato de atletas de futebol do Rio de Janeiro deve ser visto dentro de um processo amplo de transformações no futebol nacional que além de tentar profissionalizar a estrutura do futebol e a mentalidade de seus dirigentes, também interferiu diretamente na construção de uma mentalidade mais profissional para o jogador de futebol, condição indispensável para a formação do sindicato da categoria. Esse momento situado nas décadas de 1970 e 1980 não é o período que inaugura uma conscientização do atleta de futebol, mas com certeza é um momento de aprofundamento e maior discussão das questões que os afligiam, consequência direta de todo um debate verificado nesse momento no país em torno de uma modernização e profissionalização do futebol para se adequar às novas demandas de um campo esportivo mundial.

Assim o surgimento do sindicato dos atletas de futebol do Rio de Janeiro pode ser compreendido através de um processo paulatino de conquistas e disputas dentro do campo esportivo que irá culminar no ano de 1979 com a fundação dessa instituição. O reconhecimento do sindicato pelo ministério do trabalho é datado de 19 de novembro de 1979, contudo entendo que a sua formação remete-nos a um período mais recuado no tempo. A escolha desse período reside na percepção de que o surgimento do sindicato faz parte da modernização pelo qual passou o futebol brasileiro e a própria mentalidade do jogador de futebol na década de 1970, assim essa trajetória pode ser dividida em quatro grandes acontecimentos, desenrolando com isso um processo.

O primeiro deles se inicia no ano de 1971 com Afonsinho¹, jogador que decide reivindicar seus direitos e lutar contra a dominação exercida pela Lei Passe. Afonso Celso Garcia Reis foi um dos poucos jogadores a confrontar os dirigentes e treinadores em busca de seus direitos e o primeiro a conseguir o passe livre². Sua luta inspirou muitos outros jogadores e serviu de exemplo comprobatório de que os atletas deveriam lutar pelos seus direitos. Sua vitória nos tribunais representou um marco na luta dos atletas por condições

¹ Jogador de futebol que atuava pelo Botafogo

² O passe livre era o direito de poder estar desconectado do clube após o fim do contrato de trabalho.

melhores de trabalho³. A partir da luta empreendida por Afonso Celso Garcia Reis contra a lei do passe, muita das condições precárias sob as quais viviam os jogadores foram discutidas e debatidas nos meios de comunicação, nos clubes e pela própria sociedade da época em músicas como “Meio-Campo” de autoria de Gilberto Gil e o filme “Passe Livre” de Oswaldo Caldeira.

Sua luta em um primeiro momento solitária nos meios esportivos ganhou as ruas e repercutiu, principalmente mais tarde com o auxílio de Paulo César Caju e Jairzinho que denunciaram veementemente o racismo no futebol, com isso podemos dizer que sua luta no ano de 1971 foi um marco rumo a fundação do sindicato por causa da introjeção da semente do debate e da conscientização sobre a realidade futebolística e da profissão do jogador de futebol.

A partir disso um segundo momento pode ser traduzido 1976 com a promulgação dos estatutos e regulamentação da profissão de jogador de futebol por lei federal, definindo e delimitando quais as obrigações do empregador e do empregado⁴. Essa promulgação pode ser considerada consequência das questões de 1971 principalmente através dos debates no campo esportivo e na sociedade civil sobre a profissionalização do esporte e sua maior comercialização, tornava-se inevitável e extremamente necessário à profissionalização completa dos atletas de futebol inserindo-os no rol das profissões legalizadas e relacionadas com o ministério do trabalho, principalmente por causa das demandas do mercado internacional.

Conseqüentemente após a regulamentação da profissão de jogador surgem novas perspectivas e possibilidades de organização entre os quais podemos citar o terceiro momento em 1977 quando surge a Associação Profissional de Atletas de Futebol, sobre a liderança de Zé Mario, e auxílio de Zico, que juntamente com a ajuda da AGAP (Associação de Garantia ao Atleta Profissional) e FUGAP (Fundo de Garantia de Amparo ao Atleta) iniciaram a luta conjunta pelos direitos dos jogadores, contudo essas associações ainda possuíam um caráter apenas de auxílio e assistência para os atletas.

³ Afonsinho ganhou o passe livre no ano de 1971, na justiça do trabalho.

⁴ Essa regulamentação estava inserida na lei nº6354 de 02 de setembro de 1976.

Por fim num quarto momento e finalmente dois anos depois, em 1979 surge o sindicato dos atletas de futebol do estado do Rio de Janeiro, primeiro sindicato de jogadores do Brasil, tendo como primeiro presidente Zé Mário⁵.

Ele foi o principal articulador do sindicato dos jogadores de futebol do Rio de Janeiro, lutando pelo direito de vários jogadores e sendo o principal mediador entre os atletas e os dirigentes, sua percepção sobre os rumos que o futebol vinha tomando foram importantíssimos para as negociações com os dirigentes do futebol carioca e brasileiro.

Sua liderança foi tão importante para a formação e consolidação da instituição no campo esportivo que após sua saída em 1982 pode-se dizer que se encerra o momento mais combativo do sindicato, onde ele busca a sua legitimação como instituição em defesa dos atletas.

Com relação ao momento histórico do surgimento dessa instituição devemos pensar que ela ocorreu em 1979, período pós-revogação do AI-5, de anistia e abertura política. Esse período da década de 1970 presenciou um forte aumento no número de sindicatos, principalmente por causa do apoio da ditadura sobre o surgimento dessas instituições desde que elas não tivessem um caráter reivindicatório, assim o Estado procurava estimular a área sindical através da revalorização deles como um órgão auxiliar do Estado. Isso pode ficar comprovado pelo aumento de mais de 100% nos sindicatos urbanos entre o ano de 1970 e 1979.⁶

Para os jogadores de futebol desse sindicato, uma das grandes conquistas e um dos maiores motivos de orgulho era a SAFERJ ter conseguido surgir em um momento tão conturbado, ainda de dificuldades políticas e na qual nem tudo que se queria dizer, podia ser dito, nesse aspecto a fala de Gaúcho é interessante, quando diz:

“... quando ele quis fundar (Zé Mário) o sindicato do Rio, o atleta entendeu e veio junto, veio junto num momento difícil e num momento que o Brasil não tava fácil e até risco de perseguição, e os jogadores foram destemidos, correram o risco e sem bairrismo...”⁷

⁵ Jogador do Vasco da Gama na década de 1970

⁶MATTOS, Marcelo Badaró (1998) *Novos e velhos sindicalismos no Rio de Janeiro [1955-1988]* Rio de Janeiro: Vício de Leitura.pág 142.

⁷ “Entrevista” com Carlos Roberto Orrigo da Cunha, ex-atleta e ex-presidente do sindicato, concedido em 17/02/2009. pág 15

A frase é reveladora ao trazer para o sindicato um caráter combativo em sua criação, como se fosse um mito de formação ou uma característica que legitimasse a essência combativa da instituição e seu destino por lutas desde o início, sendo sua fundação uma própria vitória em sua luta para nascer. No entanto como mostramos acima não era só a SAFERJ que surgia nesse momento, mas também diversos outros sindicatos e podemos afirmar, além disso, que a linha de lutas do sindicato dos jogadores de futebol do Rio de Janeiro, mesmo que buscasse muitas bandeiras importantes e lutasse por muitas coisas, sempre priorizou a negociação e pareceu estar mais alinhada a parceria com o empresariado (no caso clubes e federações), buscando o benefício de seus trabalhadores do que uma briga e uma cisão com eles.

Assim entende-se que a atuação do sindicato era prioritariamente conciliatória, até o momento em que os jogadores preferiam outras vias de atuação. Mesmo assim pela via conciliatória ou pela disputa o sindicato surge como uma nova força dentro desse campo esportivo que representando os jogadores de futebol, acabará por exercer grande pressão sob os clubes e federações para que sejam cumpridas as determinações da Lei de 1976 sobre a profissão de jogador de futebol. Talvez um dos grandes méritos do sindicato seja acima de tudo congregar já em sua fundação um número considerável de atletas sob a sua casa, criando uma base maior de legitimidade para as suas demandas.

O sindicato dos Atletas de Futebol do Rio de Janeiro, porém, possui um dinâmica de funcionamento muito peculiar e diferente dos outros sindicatos, suas especificidades tornam muito difícil realizar uma comparação com qualquer outra profissão. Apenas a profissão de artista se aproxima minimamente do jogador de futebol e não podemos desconsiderar que eles também são artistas, como muitos se intitulam e vêem sua profissão.

Finalmente essa aproximação entre esses dois pólos é bem plausível porque ela mesma é realizada pelo ministério do trabalho que aproxima essas duas profissões através de efeito da lei, colocando-as dentro da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Educação e Cultura. Dentro dessa confederação estão englobados atletas profissionais em geral, mas também empregados em empresas teatrais e cinematográficas; artistas e técnicos em *espetáculos*; operadores cinematográficos dentre

outros⁸. Essa união entre eles se baseia principalmente pela sua relação com as mídias e a indústria do espetáculo.

No entanto a especificidade desse sindicato dos jogadores de futebol não está apenas inserido na sua designação que aproxima mais os atletas de artistas do que de trabalhadores, inserindo-os em um outro patamar dentro do mundo do trabalho e impossibilitando sua correlação com outros tipos de sindicatos. Aliado a essa questão, a noção de *habitus* ligado à profissão do jogador de futebol serve como um ótimo objeto explicativo para essa especificidade.

Devemos entender que todas as especificidades da profissão de jogador de futebol criaram um *habitus* próprio e diferenciado desses atletas em relação ao outros trabalhadores, assim seus comportamentos e suas idéias estão diretamente relacionados a essa realidade. Junto com isso devemos entender que a lógica do campo esportivo e a espetacularização do esporte principalmente a partir da década de 1970 aproximou esses atletas do já referido patamar de artistas. Essa configuração espetacularizada do esporte alçando esses atletas a grandes estrelas da cultura pop globalizada intensificou o processo de aprofundamento das disparidades entre os jogadores de futebol, pois a partir do momento em que o campo esportivo brasileiro sofreu alterações e foi definitivamente conectado ao mundo globalizado, ocorreu uma intensificação do desequilíbrio entre as condições dos jogadores de futebol. Aliado a isso esse processo estimulou o aprofundamento da individualidade dos atletas que se em campo necessitam do coletivo para atuar, fora das quatro linhas optaram por buscar os rumos de suas carreiras sem o auxílio da coletividade, exceto quando não possuíam escolhas.

Essa questão estaria ligada a esse *habitus* do jogador que só pode ser compreendida através de uma análise de sua trajetória individual e o ambiente onde esse indivíduo viveu e ainda vive, sendo assim esse *habitus* seria responsável pelas nossas ações e pelos nossos discursos.⁹

O que traria para esse sindicato essa especificidade seria o *habitus* futebolístico caracterizado por algumas especificidades enfrentadas pela maioria deles na sua profissão e também nas suas trajetórias de vida. Entre algumas dessas especificidades podemos

⁸Informações obtidas em: <http://www.cnteec.org.br/> no dia 16/08/2009 às 20:08

⁹ ROCHA, Luiz Guilherme B. S. Porto; NORONHA, Gabriel Vieira. Elias e Bourdieu: Para uma sociologia histórica ou seria uma história sociológica? Revista Habitus, Vol: 5, N°1, 2007.47-58. pág 53.

destacar a entrada precoce na esfera do esporte, motivada por necessidades financeiras ou por sonho em ser jogador de futebol.¹⁰

As difíceis condições trabalhistas e a ausência de liberdade decisória nos rumos da profissão são outras experiências compartilhadas por eles e responsável por uma aproximação desse grupo, como comprova Bourdieu:

*“O habitus é o senso prático do que fazer em uma determinada situação[...]Esse senso prático é realizado por sujeitos que agem segundo suas experiências adquiridas em lutas anteriores e na própria mudança que eles podem realizar. Operam com isso em uma estrutura estruturada e uma estrutura estruturante”.*¹¹

Por fim um dos principais pontos que une esses atletas em torno de uma mesma *hexis* é a profissão de jogador de futebol, ocupação repleta de especificidades, que contém diversas armadilhas e percalços que de uma hora para outra podem alterar drasticamente a realidade profissional do indivíduo.¹² Outra questão que pode ser entendida como importante para a percepção dessas disparidades entre o tratamento dos jogadores e sua aceitação com relação às disparidades de condições e de salários está inserida na distribuição do dom e do talento.

Assim junto com o *habitus* futebolístico que através de suas percepções e ações incorporadas irão dificultar essa coesão, as questões do dom e do talento também irão. Isso porque a noção desses dois é externa ao indivíduo, a questão do dom ligada ao talento diz respeito ao uma predisposição inata, algo que está no indivíduo e pode ser aperfeiçoada, mas que comporta algo além da cultura, sendo então natural, por essa questão tais características são uma dádiva divina, algo que não pertence ao jogador por inteiro.

Logo dentro desse campo esportivo e desse mundo futebolístico à premissa de que um jogador possui um capital futebolístico maior que o outro é aceito quase que pela totalidade desses jogadores, a partir dessa premissa inicial muitas das condições dispare que encontramos nas condições de trabalho deles está baseada primeiramente na idéia de que jogador “x” tem mais oportunidades e ganha mais porque tem mais talento. Essa questão do

¹⁰ DAMO, Arlei Sander. *Do Dom a Profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo e Rothschild Editora, Anpocs, 2007. pág 107.

¹¹ BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983. Pág 23.

¹² DAMO, Arlei Sander. *Do Dom a Profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo e Rothschild Editora, Anpocs, 2007. pág 152.

dom e do talento se liga ao *habitus*, não na substituição de um termo pelo outro, mas no momento em que percebemos que a aceitação das disparidades provenientes do dom são naturalizadas no mundo futebolístico, por causa desse *habitus*.

A partir disso abre-se margem para salários maiores, regalias, contratos milionários sem que a maioria dos jogadores encare isso como um desrespeito, muito pelo contrário, vêem isso como uma consequência da qualidade do atleta proveniente principalmente do seu talento ou dom. Essas disparidades são ponto chave para pensar a estrutura do sindicato, pois defendendo um grupo social tão diversificado com salários que vão desde o mínimo até fortunas, os interesses deles logicamente também são diversos e muitas vezes conflitantes.

Além disso, a profissão de jogador como já foi dito anteriormente possui muitas especificidade entre as quais a constante circulação de jogadores e os bruscos rumos na carreira do atleta alteraram a todo o momento o número de participantes e também sua base de apoio para lutas sindicais, isso pode ser visto principalmente hoje quando o mercado global de jogadores movimenta atletas por diversos locais do globo durante todo o ano, dessa forma como pensar numa base sindical estável de uma instituição de caráter extremamente local, situada no Rio de Janeiro?

A explicação dessa questão acaba por evidenciar uma das especificidades básicas desse sindicato perante os outros que surgiram junto com ele no Novo Sindicalismo no final da década de 1970. A maioria desses sindicatos que surgiram nesse momento ou que pretendiam reivindicar os seus direitos fizeram-no através de uma renovação que visava a maior importância para o movimento de base e pelas decisões tomadas nesse segmento, em oposição a um período em que a alta cúpula muitas vezes lutava pelos seus interesses em lugar dos interesses da base.¹³ Aliado a essa questão esse novo movimento sindical buscava a separação de qualquer laço com o Estado e qualquer tipo de tutela perante ele, o objetivo era lutar pelos seus direitos e reivindicações através de greves e paralisações, priorizando a conciliação somente quando necessário.

Essas características, primordiais no novo sindicalismo são vistas muito timidamente no sindicato dos jogadores de futebol do estado do Rio de Janeiro, nessa instituição as decisões

¹³ MATTOS, Marcelo Badaró.(2003) *Sindicatos e sindicalismos após 1930*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.pág 62

são tomadas principalmente através de uma cúpula eleita para um mandato de cinco anos, mas que podem permanecer no poder por mais tempo se não houver interessados em dirigir o sindicato. A maioria dessas decisões é tomada por essa cúpula, mas em acordo com os jogadores filiados, no entanto devido às especificidades da profissão, o pouco tempo hábil e os constantes deslocamentos, o sindicato ao todo o momento faz o caminho inverso, indo até o jogador ao invés do segundo ir ao primeiro.¹⁴

O subterfúgio da predominância do poder da cúpula, formada até hoje primordialmente por ex-atletas, foi uma saída encontrada pelos jogadores para manter o sindicato vivo, já que essa base é muito fluída, com isso decisões, planejamentos e reivindicações seriam mais difíceis de serem empreendidas pelos jogadores. No momento de sua fundação até o ano de 1982 o presidente foi Zé Mario, que conseguiu com grande auxílio de Zico dentre outros, conciliar a profissão de jogador de futebol, com a gestão do sindicato.

No entanto essas lutas do sindicato primeiramente eram feitas através de muita conversa e tentativa de conciliação, as ações mais extremadas eram as ações judiciais no qual a instituição mediava auxílio ao atleta. Essa mensagem de conciliação e busca dos interesses dos jogadores por um viés mais voltado para a conversa e para o dialogo do que para ações de greve também pode ser vista em uma das colunas do editorial do jornal o “Gool” do ano de 1980, quando o mesmo diz:

“A missão do sindicato é primeiramente a busca do interesse do jogador, através da melhoria de suas condições trabalho e sobrevivência, visando sempre o melhor para o atleta, nessa luta constante empreendida por todos nós a palavra principal é a luta, principalmente pelos nossos direitos. Essa corrida por nossos direitos deve ser feita por todos os meio possíveis dentro da lei, mas sempre privilegiando a conversa e o dialogo entre as partes...”¹⁵

Esse trecho do jornal sindical do ano de 1980 mostra-nos uma das linhas principais do sindicato e que vale a pena ser ressaltada e pensada; a conciliação em primeiro lugar. Assim compreende-se que a posição do sindicato sempre esteve ao lado de uma questão mais conciliatória, apesar de que atualmente essa questão tenha se intensificado.

¹⁴ Essas informações foram coletadas através de conversas com os funcionários do sindicato e com a entrevista de Alfredo Sampaio atual presidente da instituição.

¹⁵ Jornal sindical “Gool”, 20 de junho de 1980 pág 2.

No entanto podemos compreender essa posição dos jogadores se voltarmos a pensar nas dificuldades que muitos tem na sua profissão com um mercado de trabalho sempre muito concorrido e uma profissão de tiro curto, esses atletas tem grande receio de através de reivindicações mais enérgicas acabarem prejudicando suas profissões e sendo excluídos desse campo futebolísticos ou sendo colocados nas margens dele.

Podemos pensar que na fundação e consolidação do sindicato entre 1971 e 1982, muitos jogadores já possuíam uma tentativa de adoção desse caráter conciliatório, principalmente pelo medo de terem suas carreiras encerradas prematuramente por desagradarem os dirigentes e grandes agentes desse campo esportivo, vale lembrar que quase todas as reclamações dos jogadores passavam pelas condições subumanas de trabalho e exploração. Por isso medidas explosivas e de rupturas podiam acabar com a profissão desses jogadores, principalmente os de menor expressão que não ganhavam grandes salários e eram a maioria no Rio de Janeiro. Vale lembrar que os agentes dominantes desse campo esportivo possuíam um grande artifício de prisão e castigo ao jogador, a Lei do Passe, pois esta colocava todo o poder na mão de clubes e dirigentes, podendo estes até encerrar a carreira do jogador se eles quisessem, pois com o passe pertencendo ao clube eles não podiam ser vendidos, e caso o clube não quisesse o jogador também não treinava com o grupo, assim essa lei colocava o atleta em um limbo, onde ele era ainda empregado do clube, mas não podia exercer suas funções.

Assim as atitudes do sindicato, sempre foram orientada no sentido da negociação e do dialogo em primeiro lugar, para que esses atletas pudessem continuar a atuar sem nenhuma complicação. A idéia que devemos compreender é que não há um demérito nesse tipo de investida do sindicato dos jogadores no interior desse campo esportivo, muito pelo contrário eles atuam no limite de suas possibilidades, sempre tentando subverter o sistema através de investidas que parecem muitas vezes conciliatórias e são, mas que na verdade tinham que ser aceitas pelos dirigentes e clubes por causa da pressão interna exercida pelos atletas nesse campo esportivo.

A forma de luta empreendida por essa instituição também pode ser entendida através da sua constituição interna. A SAFERJ possuía entre o ano de 1977 e 1982, quinhentos e

noventa e oito atletas vinculados a instituição¹⁶, se pensarmos que o futebol carioca possuía em média naquela época um número de 1.578 atletas profissionalizados, com uma flutuação entre 1% para mais ou para menos no número de jogadores entre esses anos de 1975 e 1982¹⁷. Isso demonstra que o número de sindicalizados era relativamente expressivo (40%) para um sindicato jovem de apenas três anos como era o caso da SAFERJ. No entanto não devemos nos enganar com esses dados, pois esse número todo de inscritos não participava efetivamente do sindicato, já que alguns dentro desse bojo estavam filiados à instituição, mas encontravam-se em outro estado ou fora do país dificultando drasticamente seu poder de atuação.

O que vale a pena compreender nesses números, é que mesmo não havendo uma participação efetiva desses 598 membros que passaram ao longo desses anos pelo sindicato, eles estão inscritos lá e são representados diretamente pela instituição, esse número de afiliados, mesmo que não sejam todos participativos traz para a instituição uma legitimidade e um poder perante os outros agentes desse campo esportivo. Ela representa mais de um terço do grupo profissional dos jogadores do estado do Rio de Janeiro nessa época, fato que não é desprezível, visto que muitos tinham receio de se filiar por sofrer represália dos dirigentes de clubes.

Entre esses filiados pude perceber uma grande heterogeneidade em sua participação, desde jogadores consagrados, até outros jogadores mais desconhecidos. Entre os dados estatísticos computados, dos 598 atletas pelo menos 297¹⁸ tinham passado em certo momento por algum clube grande no Rio de Janeiro, no entanto poucos tinham se firmado ou conseguido projeção nacional. Desses 598 apenas 30 ou 50 atletas tinha uma grande ascendência na mídia, os outros eram do 2º ou 3º escalão do futebol.

Com isso percebemos que a maioria dos jogadores inscritos nesse sindicato eram de clubes de menor expressão, no entanto a atuação e participação deles parece ser bem mais fraca.¹⁹ Todavia como já frisamos anteriormente é necessário perceber esse esmaecimento

¹⁶ Dados coletados através de fichas de inscrição guardadas na SAFERJ. Essas fichas não possuem nenhum tipo de organização prévia e foram superficialmente organizadas por mim em ordem crescente da numeração das inscrições. Elas se encontram em uma caixa-arquivo no 4 andar, em um armário de alumínio.

¹⁷ Dados coletados no sítio da Confederação Brasileira de Futebol individualmente por ano, e organizado estatisticamente por mim para o presente trabalho. Os dados separados podem ser encontrados em: www.cbf.com.br.

¹⁸ Dados retirados das fichas de inscrição no sindicato dos jogadores de futebol do Rio de Janeiro.

¹⁹ Informações retiradas de Atas de reunião e entrevistas com integrantes do sindicato.

da participação por todas as questões já referendadas pela profissão e pela dificuldade de encontro, discussões e plenárias entre os atletas. Junto com isso podemos também entender a pequena participação dos atletas menores por causa das grandes pressões exercidas sobre eles pelos dirigentes dos clubes. Como já foi dito todos os atletas que “puxavam” essas bandeiras estavam sujeitos a sofrer sanções e represálias. Se essas ações sobre os jogadores consagrados como Afonsinho, quase levaram-no a encerrar a carreira, o que dirá sobre os jogadores de menor expressão. Então muito dessa pequena participação deles pode ser visto pelo medo e pela coerção que sofriam e isso fica muito claro na fala de Zé Mario, primeiro presidente do sindicato:

“Como eu disse o poder perante aos clubes e ao governo era diferente, mas a forma de atuação junto com os atletas continuou difícil. Alguns atletas eram ameaçados nos clubes se fizessem parte do sindicato.”²⁰

A observação de Zé Mário é muito pertinente ao entender que essa participação dos jogadores menores é geralmente omissa, mas muitas vezes por causa de fatores externos. Eles nesse “jogo” de poder dentro do campo esportivo, vão até onde conseguem, vão até o ponto máximo de saturação da corda, mas até um ponto onde ela não arrebente. Assim o que percebemos no sindicato é que seu espaço de funcionamento e atuação deve ser pensado em diálogo constante com a sociedade e com o campo esportivo, a atuação de seus agentes e a compreensão de sua formação e composição são peças-chaves para entender e posicionar seus filiados, suas diretrizes, seus limites e possibilidades.

O surgimento dessa instituição impõe então uma nova configuração no campo esportivo através de um novo agente, o sindicato, que de forma alguma é homogêneo, muito pelo contrário, uma de suas características principais é a heterogeneidade e as disparidades. Contudo dentro dessa multifacetada instituição seus membros podem lutar por interesses que mesmo muitas vezes diferentes em escala, são os mesmos em conteúdo. O sindicato é dessa forma o berço de uma idéia, uma idéia de novos tipos de relação no esporte, um idéia de melhores condições de trabalho e principalmente o berço da idéia de liberdade e ludicidade em sua profissão.

²⁰ “Entrevista” com Zé Mário, ex-atleta e ex-presidente da SAFERJ, concedida em 27/01/2009. Pág 2

II - Fontes:

Entrevistas Coletadas :

- Entrevista com Carlos Roberto Orrigo, ex-presidente do sindicato, em 17/02/2009.
- Entrevista com Zé Mário, ex-atleta e ex-presidente da SAFERJ, em 27/01/2009.
- Jornal sindical “Gooool” (edição impressa).

Bibliografia.

- ALVITO, Marcos. *A parte que te cabe neste latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização*. *Análise Social* (Lisboa), v. 41, p. 451-474, 2006.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Gênios da Pelota, um estudo do futebol como profissão* [dissertação de mestrado], Rio de Janeiro: 1980.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983.
- DAMO, Arlei Sander. *Do Dom a Profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo e Rothschild Editora, Anpocs, 2007.
- ELIAS, N., DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1992.
- FLORENZANO, José Paulo. *Afonsinho e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo: Musa Editora, 1998.
- HELAL, Ronaldo. *Passes e Impasses: Futebol e Cultura de Massa no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MATTOS, Marcelo Badaró (1998) *Novos e velhos sindicalismos no Rio de Janeiro [1955-1988]* Rio de Janeiro: Vício de Leitura.
- _____. (2009). *Reorganizando em meio ao refluxo: ensaios de intervenção sobre a classe trabalhadora no Brasil*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura.
- PRONI, Marcelo Weishaupt. *A metamorfose do Futebol*. Campinas: UNICAMP, 2000.
- ROCHA. Luiz Guilherme B. S. Porto; NORONHA, Gabriel Vieira. Elias e Bourdieu: Para uma sociologia histórica ou seria uma história sociológica? *Revista Habitus*, Vol: 5, N°1, 2007.47-58.
- WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio: O futebol e o Brasil*. São Paulo, Cia das Letras, 2008.